

APRESENTAÇÃO

Este número da Revista Boitatá dá seguimento ao anterior. Diante da expressiva quantidade de textos recebidos pela proposta inicial de tratar das Letras e Vozes indígenas e africanas, partimos para a divisão em dois números. O anterior tratou das abordagens da temática indígena. O que ora se coloca no ar concentrou a perspectiva sobre as produções africanas. Ambos os recortes dizem muito sobre nossa contemporaneidade, permeada de conflitos étnicos e comportamentos regressivos que desafiam os proclamados efeitos positivos da globalização. O mundo, de fato, tornou-se mais amplo no sentido sobretudo do alcance dos mercados transnacionais e das comunicações digitais, bem como dos fluxos populacionais. As identidades são reconfiguradas por novas possibilidades de deslocamentos e territorialização, dispersando semelhantes pelo planeta ou ainda deteriorando relações locais pelas contradições dos capitais voláteis e da insegurança disseminada.

Em tal contexto, a escolha desses temas diz muito do escopo da Revista Boitatá, vinculada ao GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. A investigação das culturas populares e das práticas orais – elementos centrais desde a criação do GT – dialoga muito diretamente com as recentes produções de literaturas africanas, notadamente as de língua portuguesa. A concordar com Edward Said¹, o fato de se ter sido colonizado produz consequências “duradouras, injustas e grotescas” (p. 115). A descolonização é um processo que não se esgotou, e as produções literárias têm sido fundamentais para as culturas implicadas enfrentarem as contradições do presente lendo a contrapelo os apagamentos e violências do colonialismo. No caso do Brasil, um elemento desse debate sobre as consequências do colonialismo está na Lei 10.639 de 2003, que torna obrigatória a presença da História da África e da Cultura Afro-Brasileira no Ensino Fundamental. Nesse contexto, conhecer as produções literárias africanas permite elucidar aspectos concretos da cultura brasileira. Como vários dos textos desse número indicam, acertar as contas com o passado implica poder reconhecer sua presença nas contradições identitárias do presente, seja recuperando as tradições orais e a ancestralidade nos espaços africanos, seja mapeando as manifestações interculturais brasileiras – nossas raízes ainda à espera de revelação.

1 SAID, Edward. A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.114-136.

A primeira seção traz os artigos que tratam da temática *Letras e Vozes Africanas*. Passamos a apresentá-los na sequência:

Augusto César Miranda Nunes e Agenor Sarraf Pacheco estabelecem no artigo “Arte(manhas) da cultura afroindígena” relações dialógicas entre a “arte produzida por mestre Damasceno Gregório dos Santos, afroindígena marajoara de Salvaterra, com as percepções e tratamentos dado pelas políticas culturais e educacionais locais sobre a cultura popular marajoara”.

Ana Maria de Souza em “Os saberes dos quilombos: narrativa oral e produção de conhecimento” busca evidenciar os saberes de comunidades quilombolas ao partir do pressuposto de que “se costuma pensar que pesquisa é algo que se faz somente na academia”.

Focando a obra *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, do escritor angolano Luandino Vieira, Gustavo Henrique Rückert em “Transcriando o(s) ponto(s) de vista do musseque: a(s) vida(s) verdadeira(s) de Domingos de Xavier” apresenta “uma breve reflexão acerca da história, da narrativa e, principalmente, da escrita e da oralidade nessa obra.

Rosilene Silva da Costa, no artigo “Narrador-contador ou contador-narrador, quem adjetiva quem em *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane?”, discute a oralidade neste romance da escritora moçambicana Chiziane. Ela analisa o narrador do romance, “considerando sua performance e estratégias narrativas que o transformam no contador de histórias, se considerarmos os aspectos da oralidade”.

No texto “Passado, história e memória em movimento”, Mara Regina Avila de Avila “apresenta a relação do passado na construção de uma identidade cultural na poesia angolana”.

Cristina Mielczarski dos Santos em “*Terra sonâmbula*: entre o dito e o ditado” apresenta uma análise deste romance de Mia Couto ao abordar “questões pertinentes à memória coletiva e à individual, por intermédio de dois elementos que são significativos na tessitura narrativa do autor: carta e provérbio”.

Carlos Batista Bach no ensaio “O milagre da língua: uma leitura de *Milagrário pessoal*, de José Eduardo Agualusa” busca perceber como Agualusa “discorre sobre a língua portuguesa e suas tramas” e “constrói uma narrativa que se transforma em uma viagem por caminhos que denotam a união entre a oralidade e a escrita”.

“O antes e o depois da independência: vivências e tradições na literatura

moçambicana”, de Bianca Rodrigues Bratkowski, “aborda as relações entre duas obras de contos moçambicanos, uma escrita durante a Guerra da Independência, *Nós matamos o Cão-Tinhoso* de Luís Bernardo Honwana, e outra publicada no momento pós-independência, *O regresso do morto* de Suleiman Cassamo, refletindo sobre as representações da tradição do país”.

Luiz Carlos de Oliveira e Claudiana Soerensen em “O conto *Nhinguítimo*, de Luís Bernardo Honwana, e os embates a partir da relação sujeito/objeto” partem da teoria pós-colonialista com o intuito de “evidenciar a relação sujeito/objeto presente em sociedades como a moçambicana, em que o sistema colonialista foi a marca principal, com todas as suas implicações”.

Finalizando a seção, Josebel Akel Fares em “Bruno de Menezes e o rufar dos tambores” traz “um breve estudo sobre os temas afro na poética de Bruno de Menezes, a partir do livro de poemas *Batuque*, publicado em 1930, considerado obra máxima do autor de expressão amazônica, hoje com oito edições”.

A segunda seção apresenta os artigos de temática livre, abaixo especificados:

Hiran de Moura Possas em “Silêncios, cheiros, sons e toques ritmados pelo batimento sanguíneo dos rapsodos”, questionando “uma suposta extinção das narrativas ancestrais sufocadas pelo advento da palavra impressa ou do mundo contemporâneo”, compreende que “o poeta rapsodo ainda não ficou privado de uma faculdade que lhe parecia segura e inalienável: sua capacidade de intercambiar experiências”.

No artigo “O desenraizamento em *Canto dos emigrantes*: subversões do Cordel do Fogo Encantado”, Ana Claudia Freitas Pantoja examina a canção “Canto dos emigrantes” do grupo Cordel do Fogo Encantado. Seu “objetivo é identificar e discutir como o desenraizamento é tratado nas esferas verbal e rítmica, constituindo o próprio cerne da composição em destaque”.

Renato Forin Junior em “Poesia e música: lastros de oralidade na performance de Maria Bethânia”, “investiga as características do ‘espetáculo de música teatralizado’ de Maria Bethânia e as relações do trabalho da intérprete com elementos das poéticas orais”. Para isso, a autora “recorre à história da ligação (tão íntima) entre música e poesia, desde a origem grega, passando pelo medievo, até as manifestações de vanguarda, que recuperam a voz de forma revolucionária”.

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy e Mauren Pavão Przybylski, no “Poesia e política na formação intelectual guarani”, discutem vivência e pontos de vista expressas numa aula da disciplina *Letras e Vozes Indígenas e Africanas*, ministrada no PPG em Letras da UFRGS. O principal foco é a fala de Mario Karai Moreira, Guarani, estudante de Letras da UFRGS desde 2008, na qual efetivam-se os valores sociais e poéticos da voz Guarani.

Por fim, Thays Caroline Barroca Ribeiro Morettini fecha este número com a resenha “A voz do discurso poético no Brasil: uma contribuição para a Cartografia de poéticas orais da região Sul”, resenha a qual “reuniu e analisou projetos e dissertações desenvolvidos sobre a poesia oral, os quais estabelecem diferentes linhas de pesquisas realizadas na última década na Universidade Federal do Paraná (UFPR), localizada na região Sul”.

Desejamos uma ótima leitura a todos!

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy
Felipe Grüne Ewald
Marcelo Rodrigues Jardim

Londrina, 29 de maio de 2012